

Avaliação da contribuição da enfermagem na manutenção do aleitamento materno na atenção primária à saúde

Assessment of nursing's contribution to maintaining breastfeeding in primary health care

Evaluación de la contribución de la enfermería en el mantenimiento de la lactancia materna en la atención primaria de salud

DOI:10.34119/bjhrv7n9-496

Submitted: Nov 29th, 2024

Approved: Dec 20th, 2024

Nádia Barboza Santana de Almeida

Mestre em Saúde Coletiva

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora

Endereço: Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

E-mail: nanyzinhabsh@hotmail.com

RESUMO

O estudo aborda a contribuição da Enfermagem na promoção e manutenção do Aleitamento Materno na Atenção Primária à Saúde, contextualizando a relevância desse tema no fortalecimento da saúde materno-infantil. O objetivo geral é avaliar como a atuação dos profissionais de Enfermagem influencia positivamente a continuidade do aleitamento materno nas unidades de saúde, considerando os desafios enfrentados pelas gestantes e puérperas. Especificamente, busca-se identificar os fatores que incentivam ou dificultam a prática do aleitamento, as formas de apoio oferecidas pelos profissionais de saúde e a influência de tabus culturais no desmame precoce. O problema de pesquisa pode ser assim formulado: De que forma os cuidados de Enfermagem contribuem para a manutenção do aleitamento materno e quais os principais obstáculos enfrentados nesse processo? A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica, com pesquisa realizada em bases de dados como MEDLINE, LILACS e SCIELO, além de artigos completos disponíveis online. A análise dos resultados indicou quatro principais temas: razões para amamentar, dificuldades durante o processo de gestação e amamentação, apoio oferecido e impacto de crenças no desmame. Conclui-se que a orientação e o acompanhamento da Enfermagem exercem um papel fundamental na promoção de práticas humanizadas, garantindo a satisfação das mulheres atendidas e fortalecendo a relação mãe-criança.

Palavras-chave: aleitamento materno, enfermagem, atenção primária à saúde.

ABSTRACT

This study addresses the contribution of nursing to the promotion and maintenance of breastfeeding in primary health care, contextualizing the relevance of this topic in strengthening maternal and child health. The general objective is to evaluate how the work of nursing professionals positively influences the continuity of breastfeeding in health units, considering the challenges faced by pregnant and postpartum women. Specifically, the aim is to identify the factors that encourage or hinder the practice of breastfeeding, the forms of support offered by health professionals, and the influence of cultural taboos on early weaning. The research

problem can be formulated as follows: How does nursing care contribute to the maintenance of breastfeeding and what are the main obstacles faced in this process? The methodology used was a bibliographic review, with research carried out in databases such as MEDLINE, LILACS, and SCIELO, in addition to full articles available online. The analysis of the results indicated four main themes: reasons for breastfeeding, difficulties during the pregnancy and breastfeeding process, support offered and impact of beliefs on weaning. It is concluded that nursing guidance and monitoring play a fundamental role in promoting humanized practices, ensuring the satisfaction of the women served and strengthening the mother-child relationship.

Keywords: breastfeeding, nursing, primary health care.

RESUMEN

El estudio aborda la contribución de la Enfermería en la promoción y mantenimiento de la Lactancia Materna en la Atención Primaria de Salud, contextualizando la relevancia de ese tema en el fortalecimiento de la salud materno infantil. El objetivo general es evaluar cómo el desempeño de los profesionales de Enfermería influye positivamente en la continuidad de la lactancia materna en las unidades de salud, considerando los desafíos que enfrentan las mujeres gestantes y puérperas. En concreto, buscamos identificar los factores que favorecen o dificultan la práctica de la lactancia materna, las formas de apoyo que ofrecen los profesionales de la salud y la influencia de los tabúes culturales en el destete precoz. El problema de investigación se puede formular de la siguiente manera: ¿Cómo contribuyen los cuidados de enfermería al mantenimiento de la lactancia materna y cuáles son los principales obstáculos que se enfrentan en este proceso? La metodología utilizada fue una revisión bibliográfica, con investigaciones realizadas en bases de datos como MEDLINE, LILACS y SCIELO, además de artículos completos disponibles en línea. El análisis de los resultados indicó cuatro temas principales: motivos de la lactancia materna, dificultades durante el embarazo y el proceso de lactancia, apoyo ofrecido y el impacto de las creencias en el destete. Se concluye que la orientación y acompañamiento de Enfermería juegan un papel fundamental en la promoción de prácticas humanizadas, asegurando la satisfacción de las mujeres atendidas y fortaleciendo la relación madre-hijo.

Palabras clave: lactancia materna, enfermería, atención primaria de salud.

1 INTRODUÇÃO

A prática do aleitamento materno (AM) resulta em inúmeros benefícios para o bebê, para a puérpera, família, sociedade e planeta. Sendo assim são vários os argumentos em favor dessa opção, representada por uma estratégia natural de: vínculo, afeto, proteção e nutrição para a criança (BRASIL, 2009). O leite materno atende a todas as necessidades nutricionais, imunológicas e psicológicas do recém-nascido, sendo de extrema importância para a sobrevivência da criança, desta forma é recomendado como sua única fonte de alimentação durante os seis primeiros meses de vida (OMS, 2001).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em torno de seis milhões de vidas de crianças estão sendo salvas a cada ano por causa do aumento das taxas de amamentação exclusiva. A amamentação logo na primeira hora de vida pode ser um fator de proteção contra mortes neonatais e ainda ajudar a puérpera em sua recuperação no período pós-parto (ANGELO, 2015).

Acompanhando esta realidade no panorama brasileiro, percebe-se um alto índice de desmame precoce e consequentemente aumento da morbimortalidade infantil. A prevalência da taxa do aleitamento materno exclusivo (AME) no Brasil, até o sexto mês de vida, é de apenas 9,7% o que requer muito esforço dos profissionais de saúde para reverter este quadro (BRASIL, 2008).

Neste sentido, com a intenção de incentivar e apoiar o aumento das taxas de AM, bem como a sua duração, o Ministério da Saúde (MS) propõe um trabalho articulado em rede, focando a APS (Atenção Primária à Saúde). Desta forma, por meio da adoção de linhas de cuidado voltadas para a promoção do aleitamento materno coordenadas pela APS insere-se a Rede Amamenta Brasil, integrando-se às demais redes, como a Iniciativa Hospital Amigo da Criança, a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano e a outras iniciativas intra e extra-setoriais de apoio e estímulo ao AM, com o objetivo de aumentar a resolutividade de suas ações de forma a consolidar uma rede horizontal, participativa, colaborativa e descentralizada (BRASIL, 2009).

Apesar da proposta do Ministério da Saúde, de um trabalho articulado em rede, muitos municípios ainda não conseguiram implementar a Rede Amamenta Brasil ou outras estratégias para promoção, proteção e apoio do AM na APS. Tal dinâmica pode estar vinculada ao fato de que nos últimos 30 anos, as políticas nacionais de apoio ao Aleitamento Materno se basearam eminentemente na perspectiva hospitalar ou no apoio legal, mas houve pouco e insuficiente estímulo para estabelecer essas ações no âmbito da APS. Faz-se necessário, portanto, de uma política nacional de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno na atenção básica à saúde complementando assim a Rede Amamenta Brasil (BRASIL, 2009).

A articulação do setor da saúde com outros setores como, por exemplo, a educação se faz necessária para efetivar ações de promoção à saúde com o aleitamento materno. As instituições formadoras, em especial as da área da saúde, tem um papel importante em contribuir com os serviços de saúde para a operacionalização dos princípios do SUS e consequentemente com as iniciativas que visem à promoção, proteção e reabilitação da saúde (BRASIL, 1990).

Neste âmbito, o presente estudo busca avaliar a importância dos cuidados da Enfermagem na manutenção do aleitamento materno na atenção primária à saúde identificando

os pontos positivos e negativos dessa contribuição em gestantes e puérperas atendidas em UAPS.

A assistência da Enfermagem durante a abordagem à mulher no pré-natal visa dar condições concretas através do apoio para que essas gestantes vivenciem o processo de amamentar de forma prazerosa e com eficácia. Considerando que o apoio ao aleitamento materno na atenção primária à saúde é essencial para aumentar as taxas de lactação materna e consequentemente promover a saúde do binômio mãe/filho (BRASIL, 2009).

Deste modo, a relevância deste estudo relaciona-se ao fato de que as mães que estão amamentando querem suporte ativo (inclusive o emocional), bem como informações objetivas e reais, para se sentirem confiantes, porém normalmente o suporte oferecido pelos profissionais de saúde costuma ser mais passivo e reativo. O profissional de enfermagem, por manter maior vínculo com a puérpera tem um papel fundamental na reversão desse quadro. Se os profissionais desejam realmente apoiar o aleitamento materno, eles precisam entender que tipo de apoio, informação e interação as mães desejam, precisam ou esperam deles (BRASIL, 2009).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OS MOTIVOS QUE LEVAM AS MULHERES A AMAMENTAR.

O aleitamento materno é uma prática essencial para a saúde e o desenvolvimento do bebê, sendo recomendada de forma exclusiva até os seis meses de vida e continuada, junto com outros alimentos, até dois anos ou mais. As mulheres que optam por amamentar o fazem por uma série de razões que incluem benefícios para a saúde da criança, fortalecimento do vínculo mãe-bebê, influência de fatores culturais, sociais e psicológicos, além de informações e apoio fornecidos por profissionais de saúde.

De acordo com Da Silva (2020), um dos principais motivos que levam as mulheres a amamentar é o reconhecimento dos benefícios para a saúde do bebê. O leite materno é considerado o alimento ideal para os recém-nascidos, fornecendo todos os nutrientes necessários para o seu crescimento e desenvolvimento, além de fortalecer o sistema imunológico da criança. Estudos indicam que bebês amamentados apresentam menor risco de infecções respiratórias, otites, diarreias e doenças crônicas a longo prazo, como obesidade e diabetes. As mulheres, ao terem ciência desses benefícios, sentem-se motivadas a iniciar e manter o aleitamento, especialmente nos primeiros meses de vida do bebê (LIMA, NASCIMENTO e MARTINS, 2018).

Outro aspecto importante que incentiva a amamentação é o vínculo afetivo que se cria entre mãe e filho durante o ato de amamentar. Para muitas mulheres, a amamentação não se resume à alimentação do bebê, mas é também um momento de proximidade e carinho, o que reforça o laço emocional entre ambos. Conforme MESQUITA *et al.* (2016), a experiência de amamentar pode ser profundamente gratificante para a mãe, proporcionando um senso de realização e reforçando o instinto maternal. Esse vínculo emocional é frequentemente citado como uma das razões que leva as mães a persistirem na amamentação, mesmo diante de dificuldades iniciais, como dor ou falta de apoio.

Além dos aspectos relacionados à saúde e ao vínculo afetivo, os fatores culturais também desempenham um papel significativo na decisão das mulheres de amamentar. Chagas *et al.* (2017) ressaltam que, em muitas sociedades, a amamentação é vista como parte integrante da maternidade e é incentivada desde cedo pelas famílias e pela comunidade. Em contextos onde a prática é valorizada, as mulheres tendem a receber mais apoio de suas redes sociais, o que facilita a continuidade da amamentação. Por outro lado, em ambientes onde o aleitamento não é tão fortemente encorajado, as mães podem encontrar mais dificuldades para manter a prática.

Outro fator que influencia a decisão de amamentar é o apoio recebido por parte dos profissionais de saúde. Estudos demonstram que a orientação e o suporte fornecidos por enfermeiros e outros profissionais da área de saúde são cruciais para o sucesso da amamentação, especialmente para mães de primeira viagem, que podem se sentir inseguras sobre sua capacidade de amamentar (BESERRA e FEITOZA, 2021). Os enfermeiros desempenham um papel fundamental na educação dessas mulheres, fornecendo informações sobre as técnicas corretas de amamentação, esclarecendo dúvidas e ajudando a superar desafios, como a dor nos mamilos ou a percepção de baixa produção de leite (MESQUITA *et al.*, 2016).

A percepção das mães sobre a importância do aleitamento materno também é um fator determinante. Costa *et al.* (2019) apontam que, quando as mulheres estão cientes dos benefícios do aleitamento, tanto para si quanto para o bebê, elas tendem a se comprometer mais com a prática. Esse comprometimento é reforçado pelo conhecimento de que a amamentação exclusiva até os seis meses de vida pode reduzir o risco de problemas de saúde para o bebê e, ao mesmo tempo, contribuir para a recuperação física da mãe após o parto, ajudando na involução uterina e na redução do risco de hemorragia pós-parto.

No entanto, apesar dos motivos que levam as mulheres a amamentar, diversos desafios podem surgir ao longo do processo. Lima *et al.* (2018) discutem que, embora muitas mulheres comecem a amamentar com a intenção de continuar por vários meses, fatores como a dor nos

mamilos, a percepção de baixa produção de leite e a falta de apoio podem levar ao desmame precoce. Para minimizar esses problemas, é fundamental que as mães tenham acesso a informações adequadas e a uma rede de apoio, tanto familiar quanto profissional, que as ajude a superar as dificuldades iniciais e a persistir na prática.

Por fim, é importante destacar que os motivos que levam as mulheres a amamentar são multifatoriais e variam de acordo com o contexto social, cultural e pessoal de cada mulher. As influências positivas, como o apoio da família e dos profissionais de saúde, somadas ao conhecimento dos benefícios para a saúde do bebê, reforçam a decisão de amamentar. Além disso, o vínculo emocional estabelecido durante a amamentação e os fatores culturais também contribuem para que as mulheres optem por essa prática. Portanto, ao se considerar as motivações das mulheres para amamentar, é essencial reconhecer a complexidade do processo e a importância de um ambiente de apoio que promova o sucesso do aleitamento materno em longo prazo.

2.2 PROBLEMAS E DIFICULDADES ENCONTRADOS DURANTE A GESTAÇÃO/AMAMENTAÇÃO

Durante o período gestacional e de amamentação, as mulheres enfrentam uma série de problemas e dificuldades que podem comprometer tanto sua saúde física quanto mental, bem como o sucesso no aleitamento materno. Esses desafios variam em intensidade e frequência, mas são comuns tanto para mães de primeira viagem quanto para aquelas que já tiveram outras gestações, sendo influenciados por fatores físicos, psicológicos, sociais e ambientais. Um dos principais problemas enfrentados durante a gestação é o desconforto físico causado pelas mudanças corporais, como o aumento do peso, inchaço, náuseas e dores lombares, que afetam significativamente o bem-estar e a qualidade de vida das gestantes. Segundo Bodanese *et al.* (2023), esses desconfortos podem aumentar a ansiedade e o estresse, dificultando a preparação psicológica para o parto e a amamentação.

No pós-parto, a amamentação, considerada essencial para a saúde do bebê, muitas vezes se torna um desafio devido a problemas com a técnica de amamentar. Barbosa *et al.* (2017) destacam que a técnica inadequada de pega do bebê ao seio é uma das principais causas de dor e lesões nas mamas, como rachaduras e fissuras, o que desencoraja muitas mães a continuar o aleitamento materno exclusivo. Essas lesões podem evoluir para mastites, que são infecções nas mamas, trazendo ainda mais desconforto e a necessidade de intervenção médica. Muitas

mães relatam que, sem o apoio adequado, essas complicações tornam a amamentação um processo doloroso e estressante, resultando, em alguns casos, no desmame precoce.

Outro problema significativo durante a amamentação é a percepção de baixa produção de leite. De acordo com Nóbrega (2016), muitas puérperas acreditam que seu leite não é suficiente para alimentar o bebê adequadamente, o que pode gerar insegurança e levar à introdução precoce de fórmulas infantis. Esse medo, muitas vezes infundado, é agravado pela falta de acompanhamento pós-parto. Nóbrega (2016) afirma que o retorno ambulatorial para acompanhamento das mães e recém-nascidos é crucial para garantir o sucesso da amamentação, uma vez que o suporte profissional pode corrigir erros na técnica e tranquilizar as mães quanto à produção de leite.

Além dos fatores físicos, a sobrecarga emocional durante a gestação e o pós-parto é um elemento chave nos problemas enfrentados pelas mulheres. A ansiedade, o medo do desconhecido e a pressão para ser uma "boa mãe" são sentimentos frequentemente relatados, especialmente entre mães de primeira viagem (DE FÁTIMA CAETANO e DE OLIVEIRA DANTAS, 2017). Essas emoções podem interferir na capacidade de relaxar durante a amamentação, resultando em uma menor produção de leite e em dificuldades para estabelecer uma rotina de alimentação. Para muitas mulheres, lidar com a demanda constante de cuidado e o cansaço extremo, somado à privação de sono, agrava ainda mais a sensação de esgotamento físico e mental.

As primíparas, em particular, enfrentam uma curva de aprendizado mais íngreme em relação à amamentação. Conforme Bodanese *et al.* (2023), as mães de primeira viagem tendem a sentir mais insegurança e incertezas sobre suas habilidades para cuidar do bebê, o que as torna mais suscetíveis a desistir da amamentação quando enfrentam dificuldades. Já as múltíparas, embora tenham uma experiência anterior, também enfrentam desafios, especialmente quando há diferenças significativas entre as experiências de cada gestação e amamentação. Cada bebê tem suas particularidades, o que pode fazer com que o processo de amamentar, que foi tranquilo em uma gestação, se torne complicado em outra.

Os problemas relacionados à amamentação também podem ser exacerbados pela falta de apoio e orientação por parte de profissionais de saúde. De acordo com De Fátima Caetano E De Oliveira Dantas (2017), a ausência de acompanhamento especializado para corrigir problemas de pega e orientar sobre a rotina de amamentação é uma das principais razões para o desmame precoce. A presença de equipes capacitadas para fornecer suporte durante o período de aleitamento materno é essencial para o sucesso da prática, principalmente em regiões com

menor acesso a serviços de saúde. Quando as mães recebem as informações e o apoio corretos, é possível superar muitos dos desafios físicos e emocionais que surgem durante esse período.

2.3 O APOIO NA AMAMENTAÇÃO

O apoio à amamentação desempenha um papel crucial na promoção e no sucesso do aleitamento materno, uma vez que influencia diretamente a confiança da mãe, sua persistência e a duração do período de amamentação exclusiva. Diversos fatores sociais, familiares e institucionais contribuem para que esse apoio seja efetivo, garantindo benefícios tanto para o bebê quanto para a mãe. Segundo Souza *et al.* (2023), o apoio à amamentação no ambiente de trabalho, por exemplo, é um fator essencial para que as mulheres consigam equilibrar suas responsabilidades profissionais e maternas sem prejudicar o aleitamento materno. A criação de espaços específicos para o apoio à amamentação nas empresas tem sido uma estratégia promissora para promover o aleitamento exclusivo e sustentável, permitindo que as mães retornem ao trabalho sem precisar interromper a amamentação. As salas de apoio à amamentação são ambientes voltados para que as trabalhadoras possam extrair e armazenar o leite materno, contribuindo para a manutenção do vínculo mãe-bebê, mesmo quando a mãe não está fisicamente presente.

Costa *et al.* (2020) ressaltam a importância da criação e validação de materiais educativos, como cartilhas, que orientam as mães sobre o uso dessas salas de apoio e a melhor forma de organizar a amamentação após o retorno ao trabalho. Esses materiais fornecem informações práticas e acessíveis, facilitando a adaptação das mães a essa nova fase de conciliar a maternidade com a vida profissional. Além disso, esse tipo de recurso educativo ajuda a desmistificar algumas dúvidas e inseguranças comuns relacionadas à amamentação, oferecendo suporte para que as mães se sintam mais confiantes e preparadas para superar os desafios do dia a dia.

O apoio familiar também é fundamental para o sucesso da amamentação. Angelo *et al.* (2015) discutem o papel das avós como uma das principais fontes de suporte às mães, especialmente no que diz respeito à transmissão de conhecimentos e práticas culturais relacionadas ao aleitamento. Embora, em alguns casos, as orientações transmitidas possam estar desatualizadas em relação às recomendações médicas atuais, as avós ainda desempenham um papel significativo no apoio emocional e prático às mães durante o período de amamentação. Esse apoio pode se manifestar tanto no auxílio com os cuidados do bebê quanto na divisão de outras tarefas domésticas, permitindo que as mães possam se concentrar mais na amamentação.

Outro tipo de suporte essencial vem dos bancos de leite humano. Figueiredo *et al.* (2015) apontam que esses bancos não apenas fornecem leite materno para bebês que não podem ser amamentados por suas mães, mas também atuam como centros de apoio e orientação para as mães lactantes. O acompanhamento oferecido pelos profissionais desses bancos de leite é fundamental para prolongar a duração da amamentação exclusiva, especialmente para mães que enfrentam dificuldades com a produção de leite ou com a técnica de amamentar. O suporte especializado ajuda a corrigir erros, esclarecer dúvidas e reduzir a ansiedade, que muitas vezes é um dos principais motivos para o desmame precoce.

Nos hospitais, a iniciativa Hospital Amigo da Criança tem sido um exemplo de como o apoio institucional pode fortalecer o aleitamento materno. Lima *et al.* (2020) destacam que essa iniciativa visa não apenas incentivar a amamentação desde o nascimento, mas também promover um ambiente acolhedor e de suporte para as mães, oferecendo orientações contínuas durante o período de internação e após a alta hospitalar. Esse tipo de apoio é essencial para garantir que as mães se sintam seguras e capacitadas para amamentar seus bebês desde os primeiros momentos de vida, o que aumenta as chances de sucesso no aleitamento exclusivo.

Contudo, apesar das inúmeras iniciativas e dos benefícios comprovados do apoio à amamentação, a implantação de salas de apoio em empresas públicas e privadas ainda enfrenta desafios. Fernandes *et al.* (2016) apontam que as dificuldades envolvem desde questões logísticas, como a criação de espaços físicos adequados, até a resistência cultural em alguns ambientes de trabalho, onde o aleitamento materno ainda não é visto como uma prioridade. Esses obstáculos, quando não superados, podem comprometer o acesso das mães a um apoio adequado, reduzindo as taxas de aleitamento materno exclusivo e o tempo de duração da amamentação.

De modo geral, o apoio à amamentação se revela fundamental em diversas esferas da vida da mulher. O suporte familiar, o apoio institucional no ambiente de trabalho e nos hospitais, bem como a orientação especializada oferecida pelos bancos de leite, são todos componentes que colaboram para que a amamentação seja bem-sucedida e possa se prolongar pelo tempo recomendado. Portanto, investir em estratégias de apoio integradas, que abranjam tanto o âmbito pessoal quanto o profissional, é um passo crucial para garantir que cada vez mais mães possam amamentar de forma plena e saudável.

2.4 A INFLUÊNCIA DE TABUS E CRENÇAS NO DESMAME PRECOCE

A amamentação consiste em uma prática que muitas vezes está acompanhada de mitos, crenças e lendas arraigadas culturalmente por gerações, associadas a influências externas de familiares, amigos e vizinhos, que contribuem para a perpetuação de informações equivocadas (ALGARVES; DE SOUSA JULIÃO; COSTA, 2015). Sendo assim, segundo Marques *et al.* (2011), é necessário que os profissionais de saúde identifiquem com a lactante suas necessidades, seus mitos e crenças adquiridas através da sua cultura, para que compreendam a amamentação sob os olhos e perspectivas da nutriz, e que consequentemente permitam-lhes conhecer os fatores que interferem na duração e na manutenção do aleitamento materno, possibilitando aos profissionais atuar mais eficazmente na resolução dos problemas, prolongando a duração da lactação.

As crenças e mitos mais comuns relacionadas à amamentação são: a concepção do “leite fraco, ralo ou insuficiente”, que não sustenta a criança, a ideia de que “a mãe não produz leite”, “leite seco” e “o bebê não quis pegar o peito” (MARQUES *et al.*, 2011). Apesar das orientações dos profissionais de enfermagem durante a abordagem às gestantes, esses mitos se fazem presentes. A figura do leite fraco, nos dias de hoje, é uma das principais causas da complementação precoce alegada pelas mães, que utilizam a comparação do leite humano com o de vaca, servindo dessa forma de fundamentação para essa crença (PEREIRA DE OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A aparência rala do leite materno, principalmente do colostro, faz com que a mãe considere seu leite inferior, acreditando que não serve para atender às demandas da criança por diferir do leite popularmente conhecido como “leite forte”, o leite de vaca (LUZ *et al.*, 2021). Estudos revelam que as mães que atribuem à complementação precoce a justificativa de que o “leite era fraco” se sentem mais amparadas, por esta ser uma crença aceita culturalmente. Observa-se que a criação do mito “leite fraco” serviu para minimizar a responsabilidade e culpa das mães pelo fracasso da lactação (BRILHANTE DE MENEZES CASTRO *et al.*, 2021).

Outro mito identificado, que se torna uma dificuldade para a mulher amamentar, está relacionado ao fato do bebê não querer pegar o peito da mãe. Segundo Reis *et al.* (2011), a recusa ao peito pelo lactente é apontada pelas nutrizas como motivo para o desmame precoce, atrelado à falta de leite e à inserção da mulher no mercado de trabalho (CARVALHO *et al.*, 2020).

Muitas vezes, esse mito está relacionado a uma interpretação equivocada dos sinais apresentados pelo bebê e da própria fisiologia da amamentação. A ideia de que o bebê “rejeita”

o seio materno pode gerar grande frustração e insegurança na mulher, levando-a a acreditar que o aleitamento materno não será possível. Esse entendimento equivocado é reforçado por pressões sociais e pela falta de informações adequadas sobre as fases de adaptação do bebê e da mãe ao processo de amamentação (ALGARVES; DE SOUSA JULIÃO; COSTA, 2015).

Em muitos casos, o que é percebido como "falta de vontade" do bebê em mamar está, na verdade, relacionado a dificuldades iniciais comuns no processo de amamentação, como a pega incorreta ou a imaturidade do bebê ao nascer. Nos primeiros dias de vida, o bebê ainda está aprendendo a coordenar os movimentos de sucção, e a mãe, por sua vez, está ajustando sua produção de leite e a forma correta de posicionar o bebê para a amamentação. Esse momento de aprendizado é frequentemente confundido com uma suposta "recusa" por parte do bebê, o que gera angústia na mãe, fazendo-a buscar alternativas, como o uso de mamadeiras ou fórmulas, de forma prematura (PEREIRA DE OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A insegurança materna diante da amamentação pode ser exacerbada quando há falta de apoio adequado dos profissionais de saúde. Muitas mulheres relatam que, diante da dificuldade inicial do bebê em pegar o peito, não receberam orientações eficazes sobre como corrigir a pega ou sobre a importância de persistir no aleitamento mesmo diante de desafios. Essa lacuna no suporte profissional acaba reforçando a crença de que, se o bebê não pega o peito de imediato, o aleitamento não é possível ou o leite materno não é suficiente, alimentando o mito da "rejeição" ao peito (ALGARVES; DE SOUSA JULIÃO; COSTA, 2015).

Além disso, a pressão para que a amamentação aconteça de maneira imediata e sem dificuldades leva muitas mulheres a crerem que qualquer atraso ou dificuldade significa um fracasso. A expectativa irrealista de que o bebê se adaptará instantaneamente ao seio materno, somada à falta de experiência e às informações inadequadas, coloca a mulher em uma posição vulnerável. Ao acreditar que o bebê "não quer" ou "não consegue" mamar, muitas mães acabam desistindo precocemente da amamentação, substituindo o leite materno por fórmulas artificiais sem uma real necessidade clínica (LUZ *et al.*, 2021; BRILHANTE DE MENEZES CASTRO *et al.*, 2021; CARVALHO *et al.*, 2020).

Esses mitos e crenças infundadas também são sustentados por relatos de terceiros, como familiares e amigos, que podem, mesmo sem intenção, influenciar negativamente o processo de amamentação. Comentários como "meu bebê também não pegava o peito" ou "talvez seu leite não seja bom" reforçam a ideia de que a amamentação é algo complicado ou que o bebê simplesmente não deseja mamar. Esse tipo de pressão social contribui para a desistência precoce da amamentação, perpetuando mitos que, na verdade, podem ser resolvidos com orientação adequada e persistência (ALGARVES; DE SOUSA JULIÃO; COSTA, 2015).

A superação desse mito exige um esforço coletivo de educação e apoio. É fundamental que as mães recebam informações precisas sobre as possíveis dificuldades iniciais da amamentação e sobre a importância de insistir, mesmo diante de desafios. A desmistificação da "rejeição" ao peito pode ser alcançada por meio de aconselhamento qualificado, que ensine as mães a identificar problemas como a pega incorreta e as ajude a ajustar o posicionamento do bebê. O papel dos profissionais de saúde é crucial para garantir que a mulher se sinta apoiada e segura em suas capacidades de amamentar, promovendo uma experiência de aleitamento bem-sucedida (PEREIRA DE OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A amamentação, segundo o senso comum, é considerada uma prática natural e de fácil execução: basta à mãe oferecer o peito, o leite sai e o bebê mama. Porém, não é tão simples assim. Os recém-nascidos, em seus primeiros dias de vida, podem ter dificuldade para sugar, por não estarem habituados com aquela situação. Eis então que surge o mito de o bebê não querer pegar o peito como um forte fator para a complementação precoce (LUZ *et al.*, 2021).

Em relação aos bebês que recusam o peito, as orientações realizadas pela enfermagem sobre esse assunto estão relacionadas à pega correta, enfatizando que o bebê não deve abocanhar somente o bico do peito da mãe, mas também boa parte da aréola para que a sucção seja eficiente para a saída do leite. Recomenda-se estimular o bebê com o mamilo para que ele abra bem a boca antes de pegar a aréola, segurar o bebê bem próximo do corpo da mãe no mesmo nível de seu peito, e evitar oferecer bicos artificiais que podem confundir o lactente. Além disso, é importante não deixar as mamas ficarem cheias demais e, caso fiquem ingurgitadas, ordenhar o leite para ajudar o mamilo a se protrair, entre outras recomendações que possam auxiliar a mãe a amamentar (BRILHANTE DE MENEZES CASTRO *et al.*, 2021).

Em relação às concepções de que “aleitamento materno é um ato instintivo”, “mãe boa amamenta” e “amamentação: obrigação materna”, essas crenças podem remeter à responsabilização e à culpabilização da mulher pelo insucesso dessa prática. Tais concepções se tornam barreiras para o aleitamento devido à ideia de que a amamentação é considerada um ato natural, instintivo e de fácil execução. Nesse aspecto, a atenção, dedicação e ajuda da equipe de enfermagem durante a realização do pré-natal servem de suporte para o apoio e incentivo às mães em relação às concepções que possuíam sobre o ato do aleitamento (CARVALHO *et al.*, 2020).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo que teve como base metodológica uma revisão bibliográfica a partir das bases de dados *MEDLINE*, *LILACS*, *SCIELO* e também, artigos disponibilizados online, na íntegra. Para a elaboração da presente revisão integrativa as seguintes etapas foram percorridas: estabelecimento da hipótese e objetivos da revisão integrativa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos (seleção da amostra); definição das informações a serem extraídas dos artigos selecionados; análise dos resultados e posterior discussão dos mesmos.

A partir da leitura dos resumos, os artigos foram selecionados tendo em vista critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, no período dos últimos 10 anos, que abordavam temas relacionados contribuição da Enfermagem na manutenção do aleitamento materno na atenção primária à saúde, sendo excluídos os artigos que não se enquadraram nessa proposta de estudo.

Durante a análise dos artigos computados emergiram quatro categorias temáticas a seguir: os motivos que levaram as mulheres a amamentar; problemas e dificuldades encontrados durante a gestação/amamentação; o apoio na amamentação e a influência de tabus e crenças no desmame precoce.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para que a mãe-nutriz possa vivenciar a amamentação de forma efetiva e tranquila, ela deve receber do profissional de saúde as orientações necessárias para seu êxito desde o período pré-natal, uma vez que a mulher passa por um período longo de gestação, tempo este propício para o amadurecimento da ideia de amamentar seu filho, sendo posteriormente concretizado após seu nascimento.

Observa-se que os principais motivos que faz com que as mulheres amamentem são à decisão prévia da mulher em amamentar, a saúde de seus filhos, bem como o prazer e a opção individual de estar praticando tal ato. Dessa forma, a vontade, bem como o desejo da própria mulher em amamentar deve sempre ser valorizado, sendo este um aspecto importante no processo de amamentação. Portanto o aleitamento materno não deve se tornar algo imposto, mas, sobretudo um desejo que deve ser respeitado, incentivado e apoiado pelos profissionais e pela sociedade.

5 CONCLUSÃO

Mesmo diante das dificuldades e problemas encontrados ao longo do processo lactacional, percebe-se que as orientações da enfermagem servem de apoio às mães, garantindo-lhes segurança e suporte teórico-prático que, mesmo com insucesso de algumas mulheres em amamentar seus filhos por no mínimo 6 meses, observa-se a satisfação das mesmas em relação ao atendimento realizado pela equipe de enfermagem durante as consultas de pré-natal nas UAPS. Deste modo, defendemos que para melhores índices de aleitamento materno e a consequente redução da mortalidade infantil, se faz necessário cada vez mais a capacitação dos profissionais de saúde para que possam apoiar incentivar e estimular a lactação. Esse apoio pode ser feito através de grupos educativos, visitas domiciliares e também em salas de espera, focando dessa forma a APS.

Ao findar este estudo e alcançado os objetivos propostos, podemos afirmar que as orientações da enfermagem contribuem positivamente na concretização de uma prática qualificada e humanizada, uma vez que há uma satisfação das mulheres no que tange a contribuição e influência dessa atividade educativa de manutenção do aleitamento, mas que, além disso, demonstrou um empenho dos profissionais de enfermagem que assistem as mulheres nesta fase, acompanhando e promovendo uma amorosa e crescente relação mãe-criança.

REFERÊNCIAS

ALGARVES, Talita Ribeiro; DE SOUSA JULIÃO, Alcineide Mendes; COSTA, Herilanne Monteiro. **Aleitamento materno: influência de mitos e crenças no desmame precoce.** Saúde em Foco, v. 2, n. 1, p. 151-167, 2015.

ANGELO, Bárbara Helena de Brito *et al.* **Práticas de apoio das avós à amamentação: revisão integrativa.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 15, p. 161-170, 2015.

BARBOSA, Gessandro Elpídio Fernandes *et al.* **Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas.** Revista Paulista de Pediatria, v. 35, n. 3, p. 265-272, 2017.

BESERRA, Ana Clara Gama; FEITOZA, Hudson Fáblio Ferraz. **Aleitamento Materno-A Percepção Materna Acerca Da Importância Do Aleitamento Materno Exclusivo Para Crianças Até Seis Meses De Vida.** Revista Multidisciplinar do Sertão, v. 3, n. 1, p. 47-54, 2021.

BODANESE, Ana Paula; DOS SANTOS CARNEIRO, Anna Lydia; RIBEIRO, Bianca Gabriele Martins. **As principais dificuldades encontradas pelas primíparas e múltiparas na amamentação com aleitamento materno exclusivo.** Research, Society and Development, v. 12, n. 5, p. e12012541619-e12012541619, 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Aleitamento Materno e alimentação complementar.* Caderno de Atenção Básica, nº23, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Taxa de prevalência do aleitamento materno exclusivo no Brasil – 2008.* Rede integrada de Informações para saúde. Indicadores e Dados Básicos-IDB-2008. Disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2008/d20.htm>>. Acesso em 23 de outubro de 2013.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. *Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Rede amamenta Brasil- caderno do tutor.* Universidade Estadual de Londrina – Brasil, Paraná, 2009.

BRILHANTE DE MENEZES CASTRO, Danielly Kelly *et al.* **Desmame precoce: desvendando mitos e crenças que contribuem para essa prática.** Journal of Research & Development/Revista de Investigación & Desarrollo, v. 11, n. 11, 2021.

CARVALHO, Aline Tavares *et al.* **Fatores socioculturais, mitos e crenças de nutrízes potenciais causadores do desmame precoce: uma revisão integrativa.** Saúde Coletiva (Barueri), v. 10, n. 56, p. 3152-3163, 2020.

CHAGAS, Pryscyla Dayane *et al.* **Aleitamento materno: fatores que influenciam no desmame precoce.** Revista Saúde-UNG-Ser, v. 11, n. 1 ESP, p. 45-45, 2017.

COSTA, Ana Carolina Maria Araújo Chagas *et al.* **Construção e validação de cartilha educativa para sala de apoio à amamentação.** REME - Revista Mineira de Enfermagem, v. 24, n. 1, 2020.

COSTA, Suzieli *et al.* **A prática do aleitamento materno na percepção de mulheres primigestas.** Vivências, v. 15, n. 29, p. 289-310, 2019.

DA SILVA, Jaine Nogueira. **Aleitamento materno: motivos e consequências do desmame precoce em crianças.** Revista Artigos. Com, v. 20, p. e4756-e4756, 2020.

DE FÁTIMA CAETANO, Marcela; DE OLIVEIRA DANTAS, Isa Ribeiro. **Principais problemas relacionados à amamentação.** Perquirere, v. 14, n. 1, p. 104-118, 2017.

FERNANDES, Vanessa Martinhago Borges *et al.* **Implantação de salas de apoio à amamentação em empresas públicas e privadas: potencialidades e dificuldades.** Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 37, n. spe, p. e2016-00446, 2016.

FIGUEIREDO, Maria Claudia Diniz *et al.* **Banco de leite humano: o apoio à amamentação e a duração do aleitamento materno exclusivo.** Rev. bras. crescimento desenvolv. hum, p. 204-210, 2015.

LIMA, Arian Passos Cavalcante; NASCIMENTO, Davi da Silva; MARTINS, Maísa Mônica Flores. **A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa.** 2018.

LIMA, Simone Pedrosa *et al.* **Proteção, promoção e apoio a amamentação: fortalecendo a iniciativa hospital amigo da criança.** EXTRAMUROS - Revista de Extensão da UNIVASF, v. 8, n. 1, p. 155-165, 2020.

LUZ, Rosália Teixeira *et al.* **Determinantes do desmame precoce: revisão integrativa.** Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva, v. 2, p. e11258-e11258, 2021.

MESQUITA, Ariele Londres *et al.* **Atribuições de enfermeiros na orientação de lactantes acerca do aleitamento materno.** Revista de Divulgação Científica Sena Aires, v. 5, n. 2, p. 158-170, 2016.

NÓBREGA, Cristiane Silva. **Descrição do acompanhamento das puérperas e seus recém-nascidos em relação à amamentação pós-alta no retorno ambulatorial.** In: Descrição do acompanhamento das puérperas e seus recém-nascidos em relação à amamentação pós-alta no retorno ambulatorial. 2016. p. 45-45.

PEREIRA DE OLIVEIRA, Ailkyanne Karelly *et al.* **Práticas e crenças populares associadas ao desmame precoce.** Avances en enfermeria, v. 35, n. 3, p. 303-312, 2017.

SOUZA, Carolina Belomo de *et al.* **Promoção, proteção e apoio à amamentação no trabalho e o alcance do desenvolvimento sustentável: uma revisão de escopo.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 28, p. 1059-1072, 2023.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Iniciativa Hospital Amigo da Criança:* revista, atualizada e ampliada para o cuidado integrado. Módulo 3 - promovendo e

incentivando a amamentação em um Hospital Amigo da Criança: curso de vinte horas para equipes de maternidade. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Fifty-fourth World Health Assembly. Resolution WHA54.2 – Infant and young child nutrition. Geneva: World Health Organization; 2001.